

PROCESSOS DE INCLUSÃO SOCIAL: UM ESTUDO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE EDUCADORAS INFANTIS DE ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS RURAIS DO VALE DO JEQUITINHONHA-MG ⁴

GEBARA, Tânia Aretuza Ambrizi⁵
GIOVANETTI, Maria Amélia de Castro (Orientadora)⁶
MENEZES NETO, Antônio Julio de (Co-orientador)⁷

Trabalho & Educação – vol.14, nº 1 – jan / jun - 2005

Com esta pesquisa pretendo identificar e compreender os processos de inclusão social construídos por mulheres que atuam como educadoras infantis em associações comunitárias localizadas em comunidades rurais da região do Vale do Jequitinhonha – MG. Tenho como objetivos específicos compreender o universo cultural da mulher camponesa e seus espaços de socialização, analisar os processos de formação das educadoras, refletir sobre sua relação com a comunidade local para identificar os processos de inclusão social construídos por elas mesmas e contribuir para a construção de um olhar que supere a “negatividade” na análise da pobreza das camadas populares camponesas. O foco deste trabalho são educadoras infantis na faixa etária entre 26 e 42 anos, que atuam com crianças de 2 a 6 anos em instituições rurais de Educação Infantil mantidas por associações comunitárias. Optei por uma abordagem qualitativa, realizando uma pesquisa de tipo etnográfico, na qual os dados são analisados tendo como eixo central as categorias inclusão/exclusão social, investigadas a partir das esferas do trabalho, da comunidade e da família. Os instrumentos utilizados foram observações, entrevistas e registros em formato de diário de campo, onde foram recolhidos dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo-me desenvolver uma idéia sobre a maneira como as educadoras interpretam sua condição de trabalhadoras de instituições de Educação Infantil e sua inserção naquele meio social. A pesquisa me permitiu perceber que, embora exista um universo de conformismo, submissão e exclusão, as educadoras pesquisadas não estão “coladas” à imagem da inferioridade; elas elaboram processos, encontram caminhos, pessoas e resistem, saem do lugar de descredenciadas, à medida que estabelecem relações com seus pares, constroem relações de credibilidade e legitimidade, superam a imagem de inferiores que lhes é conferida. Esse processo se dá nas práticas comunitárias, por meio das quais as identidades das mulheres pesquisadas vão se constituindo ao se fazerem líderes e ao se fazerem educadoras infantis.

⁴ Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG em 2004.

⁵ Mestre em Educação pela FAE-UFMG.

⁶ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFMG.

⁷ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFMG.